



## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ: CORPOS EM DISSIDÊNCIA NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS EM TEMPOS DE DISCURSO DE ÓDIO

Vilma Nonato de Brício (UFPA)<sup>1</sup>  
Joyce Otânia Seixas Ribeiro (UFPA)<sup>2</sup>

#### Organizadoras

A proposta deste Dossiê é dar visibilidade aos processos de subjetivação das existências de corpos em dissidência em relação a gênero e sexualidade alvos dos discursos de ódio produzidos em diferentes espaços-tempos educativos, sobretudo na atualidade em que políticas e práticas neoconservadoras, fundamentalistas e ultrarreligiosas forjadas no capitalismo neoliberal reforçam diferentes tipos de exclusões, discriminações, violências, invisibilidades, silenciamentos, controles disciplinares e biopolíticos que atingem as dimensões epistêmicas, políticas e subjetivas.

De acordo com Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019, p. 11) “O ódio aumenta à medida que as pessoas historicamente excluídas [transexuais, travestis, negros/as, gordos/as...] passam a ocupar espaços, reivindicam direitos e se recusam a recuar”. As manifestações de ódio ocorrem com mais frequência após a visibilidade de representatividade de corpos em dissidência em diferentes espaços socioculturais. Mas, se o discurso de ódio desmoraliza, humilha, ele também abre possibilidade de engendrar lutas individuais e coletivas, pois se configura em “uma situação de embate, de enfretamento. Por outro lado, esses mesmos discursos de ódio se justificam como a simples exposição de uma opinião e que não teriam por finalidade a desqualificação”.

<sup>1</sup> Doutora. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

<sup>2</sup> Pós-Doutora. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

Os propagadores de discurso de ódio usam a linguagem para expressar seus preconceitos. Mas é preciso esclarecer que os discursos de ódio como “atos de fala” evidenciam a interconexão entre corpo e linguagem, produzindo performances com efeitos difusos, pois ao intimidar, insultar, assediar, injuriar uma pessoa (ofender a sua dignidade ou decoro), a fala expõe e violenta o sujeito, produzindo efeitos subjetivantes de acomodação e resistência (BUTLER, 2021).

Se sou chamada por um nome injurioso, entro em meu ser social, e como tenho algum apego inevitável à minha existência [...] sou levada a aceitar os termos que me causam injúria porque eles me constituem socialmente [...] então, é somente por ocupar esse termo injurioso, e ser ocupada por ele, que posso resistir e me opor a ele, reformulando o poder que me constitui como o poder ao qual me oponho (BUTLER, 2019, p. 112).

Os discursos de ódio contra corpos em dissidência produzem a precarização e desumanização dos sujeitos, pois estes colidem com o projeto de “consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2000, p. 2), mas no enfrentamento dos discursos LGBTfóbicos, sexistas ou racistas constroem outros modos de re-existências, multiplicidades e singularidades de corpos, gêneros e sexualidades que afirmam outros modos de vida, outras formas de ser, sentir, viver, construindo outros territórios éticos de vida.

A noção de poder de Michel Foucault acionada por Butler e Megg possibilita pensá-lo não apenas como força negativa e estática, mas como força produtiva e móvel e nesse exercício de poder as pessoas resistem, lutam, enfrentam, questionam o ódio LGBTfóbico, machista, racista, gordofóbico, entre outros. Muitas vezes os discursos de ódio atacam as várias posições de sujeito constitutivas de uma pessoa, o que exige práticas de resistências interseccionalizadas que dêem conta das diferentes composições de forças mobilizadas.

Nos espaços-tempos educativos, os corpos em dissidência das normativas de gênero e sexualidade têm sido afetados pelos discursos de ódio fomentados por políticas e práticas educacionais e curriculares que excluem as multiplicidades como a BNCC, pelo Projeto *Escola sem Partido*, por políticas de formação de professoras/es que tentam cercear a liberdade de cátedra, pela produção de *fake news* que exaltam o binarismo de gênero e sexualidade pautado no biologicismo e neoconservadorismo defendido pelo governo brasileiro atual, no qual grupos religiosos, políticos, “personalidades” midiáticas, sujeitos anônimos insuflam o ódio pelas redes sociais, nas mídias, em projetos de lei absurdos, nos diferentes espaços sócio culturais.

No Brasil, os discursos de ódio são intensamente atravessados por discursos articulados na tríade “Deus, Família e Pátria”; são discursos religiosos, morais, militares, biológicos, psicologizantes constituindo práticas “necropolíticas” que “legitimam” as violências e o extermínio de corpos considerados abjetos, como de travestis e transexuais. O Brasil, vergonhosamente, é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, pois foram 175 assassinatos de mulheres trans e travestis em 2020 (ANTRA; IBTE, 2021). Os crimes contra pessoas trans são praticados com requintes de crueldades e exposição, o que reforça os discursos de ódio e a apologia ao extermínio de corpos trans, assim como fomentam a luta por regulamentação jurídica contra o transfeminicídio e os discursos de ódio contra corpos em dissidência.

Diante dessa urgência de problematização e combate ao ódio aos corpos em dissidência apenas resumidamente exposto acima, apresentamos neste Dossiê, 19 artigos de pesquisadores/as de várias Universidades brasileiras; são *estudos insurgentes* que dão visibilidade aos corpos em dissidência em relação a gênero e sexualidade interseccionando com outras posições de sujeitos igualmente atacadas pelos discursos de ódio e pela violência física, como negras/os, pobres, gordos/as, crianças, idosas/os, jovens, trabalhadores/as, estudantes, professores/as entre outras que não se enquadram nos padrões normativos ocidentais. Os corpos em dissidência experimentam (re)existências ao recompor as relações de saber, poder e subjetivação transformando a si e o mundo.

O mês de Janeiro é o mês da Visibilidade Trans e temos a alegria de apresentar no Dossiê uma entrevista com a Profa. Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira da Universidade Federal do Pará (UFPR), professora universitária, doutora, pesquisadora, paranaense, travesti, mulher, negra, heterossexual, ativista que assume nas suas pesquisas e nas práticas militantes posturas interseccionais. Megg Rayara ressalta o quanto “É fundamental que se coloque em debate as questões de gênero dentro dos estudos das relações étnico-raciais e também nas pautas do movimento social de negras e negros, assim como é fundamental levar o debate de raça para os estudos de gênero e para o movimento LGBT”.

Esperamos que este nos instigue a problematizarmos cada vez mais os discursos de ódio aos corpos em dissidência, sejam os escancarados ou os sutis, dando visibilidade às múltiplas formas de resistências, às insurgências produzidas nos diversos espaços educativos, constituindo outros modos de viver e de ser que conferem um sentido ético-político às suas (re)existências.

Excelente leitura a todas, todos e todes!!

## Referências

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA; IBTE, 2021. 136p.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **A Vida Psíquica do Poder**: Teorias em Sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, J. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2 edição, 2000.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Megg Rayara Gomes de Oliveira fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.12, n. 40, p. 05-12, jul./dez. 2019.